

**Resumo:** Se, em Hegel, por um lado, a natureza não constitui um verdadeiro estorvo ao desenvolvimento do espírito, mas antes também a sua ocasião, por outro lado é imperioso demarcar obstáculos encontrados, justamente, numa investigação sobre os momentos de contingência contra os quais a lógica de Hegel estaria inevitavelmente represada. Tal questionamento logra partir do clássico problema da relação entre a lógica, ciência que supostamente consoma o saber absoluto, e a fenomenologia do espírito, experiência vivida e narrada da consciência até o conceito deste saber. Comparando interpretações que diagnosticaram o mesmo problema, não é possível encontrar outra saída, se não interrogar a própria ideia de que o projeto moderno possa ser radicalizado. Contingências demasiadas se impõem entre o sujeito que filosofa e tudo que ele tenta examinar e repor criticamente. Resiste ainda a religião? Prossegue ainda, mesmo nos termos filosóficos de uma intuição intelectual? As desilusões com a filosofia de Hegel são também desilusões com o conceito de uma modernidade absolutamente crítica e autofundamentada. Se é neste sentido que persistem a natureza e a matéria, para os jovens hegelianos, também é neste sentido que a religião recupera, pelo menos em parte, a importância aparentemente perdida.

**Palavras-chave:** Hegel; Ciência da Lógica; religião; Fenomenologia do Espírito.

## BACON E OS ARTÍFICES DA MEMÓRIA

Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos<sup>25</sup>

**Resumo:** A modernidade, em especial o século XVII, identifica determinados usos da memória que merecerão um reexame do emprego de suas funções [falamos mais especificamente de uma arte da memória], destituindo aquela faculdade de seu aspecto mágico, sobrenatural e classificando-a entre as competências intelectivas cujo papel é associado a certa potência cognitiva. Embora considerada uma faculdade que abrange um conjunto de funções ativas, características dos seres vivos, uma resposta funcional, e, muitas vezes, complexa, que permite a organização da ação, a memória recebe, conforme Bacon, um tratamento que limita e, em muitas ocasiões, coloca essa capacidade numa posição puramente exuberante e, por isso,

---

<sup>25</sup> Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

seu campo de atuação descamba num ornamento do espírito muito mais do que numa faculdade que retém o passado como tal e pode restituí-lo, voluntariamente, sob a forma de lembranças precisas, determinadas e situadas. Nesta direção, o objetivo é apresentar o exame feito por aquele filósofo do emprego de tão importante fonte cognitiva a partir de uma arte da memória, de forma a indicar como a avaliação da retórica e do hermetismo acaba por revelar as insuficiências de uma adesão, por afinidades, daquela faculdade a estes dois tipos de empreendimentos de base mnemotécnica. Os artífices da memória, reduzindo as técnicas da arte da memória ao nível das insídias retóricas e mágicas, mostram-se inconciliáveis com o projeto baconiano de uma *scientia universalis, mater reliquarum*.

**Palavras-chave:** Bacon; Memória; Arte da memória; Hermetismo; Retórica.

## MATTHIAS LUTZ-BACHMANN E A RELIGIÃO SEGUNDO A *DIALÉTICA DO ILUMINISMO*

Prof. Dr. Everaldo Vanderlei de Oliveira<sup>26</sup>

**Resumo:** É precisamente como rompimento com a crítica tradicional da religião, especialmente a hegeliana-marxista, que Matthias Lutz-Bachmann defende a tese de que a *Dialética do Iluminismo*, de Horkheimer e Adorno, opera uma verdadeira “virada na filosofia da religião” na filosofia do século XX. Partindo do texto de Horkheimer “Pensamento sobre religião”, o autor identifica ali um conceito de Deus como “protesto”, uma ideia de justiça plena como “crítica ao existente”, como “rebelião contra a efetividade”, expressão que ressalta o pano de fundo hegeliano. Contudo, a perspectiva ali ainda é a de uma esperada construção de relações sociais e políticas mais justas pela luta do movimento operário. Uma *Dialética do Iluminismo* se impõe como necessária em virtude do fracasso do movimento operário e da depravação do socialismo de Estado, além, é claro, dos horrores totalitários, sem esquecer a dominação anônima das sociedades liberais. Aqui, os autores se afastam da crítica da ideologia e retornam a Hegel de maneira insuspeitada, pelo menos quanto ao método: a crítica do Iluminismo tem de vir de dentro, não de uma ideia mítica de religião, que reitere o poder da natureza; antes, tem

---

<sup>26</sup> Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.